

Confiança e medo na cidade.

BAUMAN, Zygmunt. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 94 p.

Da confiança ao medo: viver nas grandes cidades em tempos de globalização

Por Gustavo Souza¹

“É nos *lugares* que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nos *lugares*, e graças aos *lugares*, que os desejos se desenvolvem, ganham forma”. Esta constatação de Zygmunt Bauman, em *Confiança e medo na cidade* (Jorge Zahar, 2009), pode inicialmente apontar para um duplo encaminhamento: a materialidade espacial onde se executam e se veem as experiências e expectativas das ações cotidianas, em suas variadas possibilidades de combinações, assim como o caráter cada mais rarefeito e virtual que o espaço físico, material e palpável vem experimentando nas últimas décadas. Independentemente da configuração que o *lugar* apresenta, ele está constantemente sujeito a um elemento que parece não conhecer fronteiras frente à proliferação acelerada e fragmentada dos espaços: o medo. Ao diagnosticar esse movimento, que não é novo, mas que tem emergido com significativa força na academia e em imagens e mensagens que circulam nos meios de comunicação, o sociólogo traz à baila, em seu mais recente livro lançado no Brasil, um tema que permeia uma infinidade de espaços, de lugares, e que já merecia sistematização mais efetiva.

Para pensar as materializações e efeitos do medo, Bauman toma a cidade – palpável e concreta – como ponto de partida para sublinhar três

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPE. Organizador do IX Estudos de Cinema Socine (Annablume, 2008), em parceria com Esther Hamburger e Tunico Amancio. E-mail: gustavo03@uol.com.br

aspectos complementares: primeiramente, é possível enxergar as cidades hoje como depósitos de problemas de toda natureza e proporção. Ao mesmo tempo, elas podem ser vistas como campos de batalha, em que a mixofilia e a mixofobia disputam e, às vezes, a palavra final. Por fim, atrelado a esses dois aspectos, podemos ver as cidades como laboratório de experiências a partir da convivência com a diferença.

Em relação ao primeiro tópico, Bauman salienta que nas cidades se tornam perceptíveis os problemas “criados e não resolvidos pelo espaço global” (p. 78), que vão desde a poluição do ar e das águas, passando pela gerência deficiente do sistema de saúde público, até o inchaço dos grandes centros urbanos provocado pelo acentuado êxodo rural. Sobre este último ponto, o autor dedica maior atenção, pois, em seu diagnóstico, a imigração desenfreada traz mão de obra desqualificada, mas ao mesmo tempo desejada, tornando a relação com o estranho cada vez mais ambivalente. Nas palavras de Bauman, “o estrangeiro é, por definição, alguém cuja ação é guiada por intenções que, no máximo, se pode tentar adivinhar, mas que ninguém jamais conhecerá com certeza” (p. 37). Isto conduz a uma sensação de insegurança e medo, que se reverte, em muitos casos, em ansiedade e agressividade. Os exemplos que ilustram esta constatação, de tão recorrentes, são inúmeros, e por esse motivo, torna-se mais importante chamar a atenção para o sentido inverso que os fluxos migratórios podem ocasionar, ou seja, fala-se também em “imigração desejada”, incentivada por países que necessitam de mão de obra qualificada, como é o caso, por exemplo, do Canadá. A intenção aqui não é estabelecer queda de braço sobre alcances ou importâncias das configurações da imigração, mas chamar atenção para outros fluxos que não passam necessariamente pelo caminho apresentado pelo autor. Em outros termos, nem todo imigrante compõe o quadro de uma mão de obra despreparada, cuja função cardeal é roubar o trabalho dos “nativos” e promover o inchaço dos grandes centros.

Operando de forma centrípeta, as grandes cidades apresentam duas importantes vertentes diante da multiplicidade de hábitos e pontos de vista de seus habitantes. A primeira delas, chamada por Bauman de mixofobia, rechaça a convivência com a pluralidade, que passa a ser vista

sob a égide do incômodo e da insegurança, isto é, o medo de misturar-se. Mas a diversidade e a heterogeneidade características das metrópoles podem também provocar o movimento inverso, balizado na curiosidade e na aprendizagem com o estranho ou, simplesmente, a mixofilia. Ambos os sentimentos podem ser vividos diariamente por quem, em suas atividades cotidianas, convive, voluntariamente ou não, com a diversidade, tornando as cidades campos de batalha por excelência.

Essa nova conjuntura que atravessa as metrópoles empresta-lhes uma configuração de laboratório ideal para se perceber a experiência urbana ancorada na convivência com a diferença – terceiro ponto do diagnóstico anteriormente destacado pelo autor. Dado que o ser humano é essencialmente feito de diferenças, mesmo que algumas gerem incômodo e impeçam a interação, Bauman afirma que reconhecer esse aspecto é imprescindível para a mudança de perspectiva, a fim de que as pessoas, nas cidades, convivam minimamente.

Para chegar a essa tríade, o autor busca em Manuel Castells as pistas que impulsionam a discussão a partir do binômio *local x global*. A aparente assimetria entre o local e o global leva a pensar inicialmente que o primeiro é regido por harmonia incapaz de desestabilizar a ordem dos fatos. Em relação ao segundo, crê-se ser esse o território onde toda a confluência é gerada, revelando-se como imagem prototípica de movimento e efervescência. Essa conceituação não dá conta, porém, de explicar que o local é espaço em que fecundam diferenças e explicitações não harmônicas. O global, por sua vez, até detém poder de influência, representado na figura dos grupos econômicos e das elites nacionais, acostumados a tomar decisões que interferem no destino da localidade. Mas o global, assim como o local, não pode ser entendido como esquema tácito e estanque, pois a interpretação alternativa do lugar se constrói a partir de uma constelação de relações sociais, que se entrelaçam num *locus* particular. Por essa razão, Bauman ressalta que o *local* e o *global* são mais palpáveis no campo teórico, por serem classificações que tornam o debate mais acessível. Daí o seu argumento trilhar em direção à materialidade da discussão, ao sugerir que os contrastes entre o local e o

global se refletem na vida urbana, nas cidades. De fato, pensar as cidades em meio à dinâmica de globalismos e localismos revela-se importante estratégia, mas, ao mesmo tempo, sugere a transferência da discussão, que estaria abrigada agora em outro *lugar*, ou seja, o diagnóstico resultante das relações entre o local e o global seria acolhido, por tabela, pela discussão sobre o medo nos grandes centros urbanos. Sendo assim, estabelece-se uma perspectiva vertical, na qual o que serve para um serve para outro. E não se ressaltam as especificidades que o debate sobre a relação entre medo e cidade fornece.

Claro reflexo do desconforto que enxerga as metrópoles como o lugar do medo se reverte na própria arquitetura da cidade e no modo como se distribui a população, e que se materializa de forma efetiva no condomínio fechado ou, para usar a terminologia proposta pelo autor, o “gueto voluntário” (2003, p.106). Neste momento, Bauman resgata um debate promovido em *Comunidade*, livro em que discute o condomínio fechado como possibilidade de busca à proteção, e que no contexto brasileiro é discutido em detalhes no trabalho de Caldeira (2000), a quem Bauman faz referência. Por serem as cidades hoje associadas ao perigo, os condomínios fechados surgem como alternativa em que o mundo terrível “lá fora” é barrado, assim como as classes perigosas que nele habitam. Formam-se, então, comunidades de semelhantes, em que as sociabilidades são desativadas em escala ascendente. Daí, o sociólogo reconhecer que a política – entendida também como o alcance da liberdade individual a partir da coletividade, conforme aponta com precisão em seu *Em busca da política* – se materializa no local, no bairro. Argumento semelhante reforçado por Martín-Barbero (2001), quando postula o bairro como agenciador de novas sociabilidades e espaço de legitimação de uma identidade cultural balizada na luta por melhores condições de vida.

Diante de tal cenário, Bauman chama a atenção para as consequências concretas dos efeitos da globalização, que tornam as cidades depositário do ônus das ações dos processos globais. No momento em que a discussão identifica espacialmente a sua relação de causa e consequência, o incômodo surgido inicialmente – diante da possível transferência de uma

discussão já estruturada para um novo objeto – se apaga. Aliás, esse é um fato, um “sofrimento”, nas palavras do autor, com o qual temos que lidar diariamente: a miséria da ordem social, que se reverte, muitas vezes, na busca por um culpado para o fracasso da segurança e da estabilidade total. Culpado que pode ser o imigrante latino, conforme apontou o cientista político norte-americano Samuel Huntington, cuja proposta reacendeu o debate em vertente contrária, instigando autores das mais distintas áreas a se manifestarem, como Eagleton (2005), Zizek (2003) e Said (2003), o último renomeando o argumento de Huntington com “o choque da ignorância” (2003, p. 42), e que encontrou eco também no debochado *Um dia sem mexicanos* (Sergio Arau, 2004), que, em sua narrativa fantástica, mostra como seria um dia nos Estados Unidos se todos os latino-americanos desaparecessem ao mesmo tempo, como num passe de mágica.

Apoiado no pensamento de Castel, Bauman salienta que o medo é provocado, por um lado, pela supervalorização do indivíduo e por sua vulnerabilidade inerente. Aspectos antagônicos, mas complementares na subtração, pois estimulam algo que nem todos são ou alcançam, pois vivemos hoje num mundo em que nem os direitos básicos estão disponíveis para todos, que dirá os bens simbólicos que reforçam ou moldam identidades e subjetividades. O resultado dessa equação anacrônica gera o “medo de ser inadequado”, que contamina diversos setores da vida social e pessoal, e que vai da sensação de insegurança em circular pelas cidades ao medo dos alimentos que encontram uma “saída” em versões do tipo bacon light, cerveja sem álcool ou café descafeinado, como já apontou Zizek (2003, p.53) alguns anos antes. Em meio a um horizonte sombrio, Bauman parece não perder as esperanças em relação a esse mundo, e sugere a “exposição à diferença” (p. 71) como possibilidade de ação. Fechar-se nas ilhas de tranquilidade e uniformidade (guetos voluntários) só anula a experiência com aquilo que pode soar estranho, mas que, segundo o autor, torna-se importante forma de revitalizar os espaços públicos como locais de convivência e integração. Bauman reconhece que esse é um “combate” que não alcançará sua meta por completo, mas, ao mesmo tempo, ressalta ser um processo que deve

ser encorajado, como forma de driblar os prejuízos da globalização e recuperar, enfim, nas experiências cotidianas das grandes cidades, a confiança que no momento está presente apenas no título do seu livro.

Referências

- BAUMAN, Z. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2000.
- EAGLETON, T. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- HUNTINGTON, S. *O choque de civilizações*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- SAID, E. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ZIZEK, S. *Bem-vindo ao deserto do real. Cinco ensaios sobre o 11 de setembro*. São Paulo: Boitempo, 2003.

Data de submissão: 03/2010

Data de aceite: 07/2010